



CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON O MARECHAL DA PAZ

Ramiz Bucair¹

O Marechal **CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON**, nasceu no dia 5 de maio de 1.865, em Mimoso, outrora no distrito de Santo Antônio do Rio Abaixo, hoje município de Santo Antônio de Leverger.

Rondon, nasceu pobre e órfão de pai. Filho de um humilde tratador de gado, certamente também teria sido camponês, não fosse a insistência de um tio em levá-lo para Cuiabá, na esperança de proporcionar um futuro melhor.

Aos 16 anos, **Rondon** iniciou a sua carreira militar, como simples praça e aos 90 o congresso colocou sobre seus ombros cansados as platinas de Marechal do Exército. Dele não se conheceu jamais um deslize sequer. Dedicou sua vida à Pátria e o seu trabalho foi conhecido além-fronteiras.

Considerado o maior desbravador de terras tropicais de todos os tempos, **Rondon** internou-se nas selvas pela primeira vez como ajudante na construção de linhas telegráficas. Acabou sendo o principal responsável pela instalação de mais de 8 mil kms. de fios telegráficos através da selva amazônica, mas o que fez no resto de sua longa existência foi dedicar-se aos índios.

¹ - **RAMIS BUCAIR** é presidente da sociedade dos Amigos do **Marechal Rondon**, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Sociedade Brasileira de Cartografia.

Em nenhum momento, nem mesmo quando todo o país lhe tributou as mais calorosas homenagens, deixou **Rondon** de ser o homem simples de sempre. Pelos estudos tinha verdadeira paixão e foi brilhante sua passagem pela Escola Militar. Outra paixão, esta de uma vida inteira, foi sua esposa Francisca Xavier. Quando ela faleceu em 1.949, o Marechal já estava cego.

CIVISMO - O amor à Pátria era a grande religião de **Rondon**. Ao longo dos anos que passou embrenhado nas selvas, jamais deixou de comemorar uma data nacional. Nessas ocasiões, reunia toda a tropa, hasteava a bandeira ao som do hino e falava aos comandos.

A política nunca o atraiu. Convidado pelo senador Raul Soares a opinar sobre a autenticidade de cartas atribuídas a Artur Bernardes, então candidatos a Presidência, e que haviam sido consideradas injuriosas ao Exército, declinou do convite. Também se recusou a chefiar um movimento militar contra Bernardes, respondendo ser *intolerável recorrer à revolução por uma questão de classe*. Mais tarde ficou provado que as cartas eram falsas.

Positivista, era inflexivelmente a favor da ordem. No levante de 1.924, nomeado à sua revelia para o comando das tropas paranaenses e catarinenses, ele tudo fez para reduzir ao mínimo os choques fratricidas. Em sua opinião, só uma revolução moral poderia solucionar os problemas do Brasil.

Por isso **Rondon** discordou de revolução de 1.930 atitude que o levou a prisão.

Muitas vezes lhe foram oferecidos importantes cargos públicos e os políticos sempre o tentaram, acenando com cargos eletivos. Certa ocasião seu nome foi lembrado como candidato de conciliação à sucessão presidencial. Nunca porém se deixou fascinar, respondendo sempre que não nascera para fazer política.

O SERTANISTA - A peregrinação de **Rondon** pelas matas enfrentando a natureza bruta e os índios hostis, lembra os romances de aventura.

Como sertanista, sua maior glória foi haver conseguido chamar a atenção do Brasil para os índios e acabar com as chacinas que dizimavam tribos inteiras.

Durante a expedição Cuiabá - Madeira, após a descoberta do rio Juruena, dirigiu - se ao encontro dos índios Nhambiquaras, para um primeiro contato. A coluna caminhava em fila pela mata, quando de repente, **Rondon** viu algo atravessar no ar. Julgou tratar - se de um pássaro, mas logo viu que era uma flecha. Olhou para o lado oposto e divisou dois nhambiquaras flechando-o . Uma das flechas acertou em cheio o sertanista e não o matou por milagre: a ponta envenenada foi engastar - se na bandoleira de couro da espingarda que trazia a tira colo.

A primeira preocupação de **Rondon** foi evitar que seus companheiros reagissem ao ataque. Para não lutar, a coluna empreendeu imediata retirada, significou dias de fome, febre, cansaço e medo.

Ainda durante a expedição Cuiabá - Madeira, **Rondon** viu - se envolvido com uma crise financeira. Com a morte do Presidente Afonso Pena, o Ministro da Fazenda do Governo Hermes da Fonseca, J.J. Seabra, fez tudo para suspender os trabalhos da **Comissão Rondon**, sob o pretexto de contenção de despesas. Diante disso, o sertanista, já Tenente - Coronel, dirigiu requerimento ao Ministro da Guerra, no qual, além de demonstrar que vinha procurando fazer o máximo de economia na extensa tarefa de levar até a Amazônia o telégrafo, solicitou a redução do pagamento das gratificações do pessoal integrante da Comissão. As reduções por ele propostas e aceitas pelo Ministério foram de 50% nas dos oficiais, 25% nas dos soldados e 100% na sua própria.

ÍNDIO - Rondon era da altura média e uma testa larga encimava o rosto moreno de traços finos, olhos amendoados e queixo delgado. Seu pai de ascendência luso-espanhola, tinha nas veias sangue de índio guaná, e sua mãe era bisneta de terenas e boróros .

O problema do índio começou a preocupá-lo quando integrou, como ajudante a expedição Gomes Carneiro. Este manda afixar ao longo das linhas telegráficas que instalava cartazes advertindo: *Quem dora em diante, tentar matar ou afugentar os índios de suas legítimas terras terá de responder perante a chefia da Comissão.*

O que Gomes Carneiro dizia, fazia, e **Rondon** era o primeiro a obedecer aquele mandamento de paz. Uma noite, na Serra da Fogaça, o silêncio do acampamento foi subitamente quebrado com assobios de macacos - pregos, urros de bugios, gritos de guaribas.

Aquilo só podia ser índio preparando o ataque, ordenou Gomes Carneiro a retirada da expedição.

Rondon aprendeu a lição e nunca mais a esqueceria. Ao chefiar a sua primeira missão, foi auxiliado por duas centenas de índios boróros que, para tomarem parte na expedição, impuseram uma única condição: serem comandados pessoalmente pela Pagmejera Curirêu (Grande Chefe) **Rondon**. Também na expedição á Amazônia, ele foi auxiliado pelos índios parecis, chefiados por Amure Koluizorocê.

PACIFICAÇÃO - Costumava dizer o sertanista: *É uma simples questão de associação de esforços, sem preocupação de transformar civilizações, habito e costumes, a propósito da convivência de brancos com índios.*

Foi um paciente trabalho pessoal de **Rondon** a pacificação das tribos nhambiquaras, barbados, quepi-queriuants, pauatês, tacuatês, ipoti-uanes, urumis, urupás, caripunás, cainguanges, botocudos, paritintins e boróros

DESBRAVADOR - A contribuição de **Rondon** à geografia brasileira foi das mais valiosas: corrigiu traçados de rios, direção e nomenclatura de serras, posições

topográficas de cidades, vilas e povoados, realizou o reconhecimento de rios até então inexplorados (entre ele o rio Dúvida) hoje rio Roosevelt, cujo manancial percorreu em toda sua extensão com Theodore Roosevelt, fixou relevos de solo, estabeleceu índices de vegetação e coeficiente pluviométricos, levantou dados antropológicos de várias regiões.

Estendeu mais de 8.000kms. de fios telegráficos em regiões desconhecidas e abriu mais de 1.000kms. de estradas carroçáveis e centenas de quilômetros de estradas para caminhões, orientando ainda a navegação de numerosos rios.

Em suas viagens recolheu centenas de valiosos exemplares de fauna e flora para instituições científicas e museus.

Mato Grosso deve a **Rondon** seus primeiros mapas mais precisos. Da inspeção das fronteiras, trabalho que levou três anos, resultaram 50 volumes de estudos e 13 mapas de conjunto, os quais possibilitaram a assinatura de acordos e convênios internacionais que fixaram definitivamente os contornos do território brasileiro.

Centenas de praças, ruas e avenidas do País levam seu nome. Inúmeras medalhas de ouro, dezenas de diplomas e títulos lhe foram conferidos. Vários governos estrangeiros outorgaram a **Rondon** suas mais altas condecorações: Grã Cruz da Legião de Honra da França; Comendador da Ordem La Couronne du Belgic; Grande Oficial da Ordem El Sol (Peru); Grande Oficial de Bovacá (Colômbia); Grande Croce dell Ordine al Mérito della Republica (Itália).

Do Brasil entre outras homenagens recebeu também a Grã Cruz da Ordem do Mérito Militar. Importantes instituições, nacionais e estrangeiras, propuseram seu nome para Prêmio Nobel da Paz. Em sua homenagem em 1.953, foi criado em Mato Grosso o Município de Rondonópolis e em 1955 o antigo Território do Guaporé passou a denominar se Território Federal de Rondônia, hoje Estado de Rondônia.

O nome de **Rondon** é o terceiro inscrito em letras de ouro no livro da honra da Sociedade de Geografia de Nova York, onde se lê: "Amundsen - o descobridor do Polo Sul; Peary - o descobridor do Polo Norte; **Rondon** - o explorador que mais se avantajou em terras tropicais; Charcot - o explorador que mais devassou terras árticas; Byrd - o explorador que mais devassou terras antárticas.

A CARTA PROTESTO DE RONDON

Ao Sr. Dr. João Baptista de Lacerda D. Director do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Aos vossos patrióticos protestos, da composição do Museu Nacional, do Dr. Sylvio de Almeida e de Luiz Bueno Horta Barbosa, venho juntar os meus, com toda a força de indignação da minha alma, contra a extravagante, desumana e falsa opinião do Director do Museu de S. Paulo, a respeito da existência dos Índios daquele Estado e de sua capacidade como elemento de

trabalho e de progresso, pregando abertamente o assassinato atrevido de milhares dos nossos mais legítimos patrícios com a escandalosa injustiça de tomar-lhes as poucas terras que ainda lhes sobram, sob o usurpador pretexto de colonização das suas terras, onde implantaria indústrias e maior perigo nos causariam, pela dissolução de nossos hábitos nacionais, do que a conservação dos nossos selvagens dentro das suas terras virgens e puras. Do meio deste sertão imenso, só povoado por Parecis, Cabixis, Tapanhunás, Backairis, Cajabis e Nhambiquanas; do centro do nordeste brasileiro, onde se refugiaram os legítimos filhos da pátria de José Bonifácio, de Timadentes e de Benjamin Constant, afim de se furtarem ao cativo e ao extermínio dos Ihering de todos os tempos, eu venho, Sr. Director, demonstrar que os Índios, quaesquer que eles sejam, são susceptíveis, como o mais delicado ocidental, de amor e de bondade, para não falar da sua inteligência tão comumente conhecida desde os tempos coloniais, como atestaram a vida e as obras dos mais eminentes brasileiros que em todos os ramos da actividade humana deram exuberantes provas de sua capacidade e inteligência, pois nós não somos puramente descendentes só de Europeus nem Africanos! Dizia-se que os Nhambiquanas eram antropófagos e incapazes de qualquer mansidão; pois bem, esta Comissão aqui se acha hoje sem nenhum receio deles, apesar destes Índios terem veementemente protestado com sobeja razão, contra a nossa invasão.

Bastou, entretanto, a nossa demonstração de amizade e de bondade para que eles suspendessem as hostilidades que sempre mantinham contra os deshumanos seringueiros, que vão queimando as suas aldeias e assassinando traiçoeiramente os legítimos donos das terras, para roubar-lhes o sossego e a conservação das suas mais legítimas tradições.

Os Parecis e os Cabixis aqui se acham em torno de nós, prestando os melhores e os mais importantes serviços que, de modo nenhum, obteremos de elementos estrangeiros. Como eles, procederam anteriormente os valentes Borónos, hoje sob a piedosa protecção dos Revmos. Padres da Missão Salesiana deste Estado.

Todos teem capacidade bastante para as artes quaesquer e para a industria, como provam os seus trabalhos rudimentares de toda sorte, para assimilar as ciências desde que a eles facilitemos uma educação esmerada; não são eles nem mais bárbaros nem mais deshumanos do que os que, proclamando-se civilizados, não trepidam em pregar o extermínio de uma raça inteira, a pretexto de progresso e de civilização.

É a eterna luta do feroz egoísmo contra as nossas aspirações de altruísmo!

Interpretando fielmente os sentimentos dos brasileiros que habitam esta banda do Brasil, denominado Mato Grosso, proclamo bem alto que nós não concordamos jamais com semelhante atrocidade, ainda mesmo que tivéssemos para isso de morrer esmagados pela massa inteira dos interessados, pelo modernismo dissolvente do século.

Aceitae Sr. Director, os protestos de consideração do vosso concidadão todo vosso no serviço da Família, da Pátria e da Humanidade. - Cândido Mariano da Silva Rondon, Tenente-Coronel de Engenharia.

(Publicado no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, em 11 de Fevereiro de 1909).

5 DE MAIO - "O DIA DE RONDON"

Projeto Lei do Deputado Paulo Moura

LEI No. 5.974, DE 04 DE MAIO DE 1992.

Institui o "**Dia de Rondon**" e dá outras providências.

A ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO, tendo em vista o que dispõe o artigo 42 da Constituição Estadual, aprova e o Governador do Estado sanciona a seguinte Lei:

Art. 1º. Fica Instituído o "**DIA DE RONDON**", destinado às homenagens ao Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, a ser comemorado no dia 05 de maio.

Art. 2º. Na data mencionada serão promovidas comemorações de caráter cívico em toda a rede escolar municipal e estadual, e no âmbito das entidades dedicadas à cultura e a tradição em Mato Grosso.

Art. 3º. Fica criada a **Comissão Rondon** que regulamentará as atividades e supervisionará os eventos comemorativos do "**Dia do Rondon**".

§ 1º. A **Comissão Rondon** de que trata este artigo será composta com representantes dos seguintes Órgãos públicos e entidades:

- a) Secretaria de Estado de Educação;
- b) UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso;
- c) Fundação da Cultura e Turismo do Estado;
- d) Casa Civil do Governo do Estado;
- e) Escola Técnica Federal de Mato Grosso;
- f) Associação **Amigos de Rondon**;
- g) Academia Mato-grossense de Letras;
- h) Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso;
- i) Instituto Memória do Poder Legislativo;
- j) Muxirum Cuiabano;
- l) 44º. BIMTZ - Batalhão de Infantaria Motorizada;

- m) TELEMAT - Telecomunicações de Mato Grosso;
- n) EMBRATEL - Empresa Brasileira de Telecomunicações;
- o) ETC - Empresa de Correios e Telégrafos;
- p) DENTEL - Departamento Nacional de Telecomunicações;
- q) Prefeitura Municipal de Santo Antônio de Leverger;
- r) Câmara Municipal de Santo Antônio de Leverger.

§ 2º. A **Comissão Rondon** regulamentará as atividades de que trata esta Lei no prazo de noventa dias.

§ 3º. A participação na **Comissão Rondon** não será remunerada, sendo considerado serviço cívico relevante, prestado ao Estado.

Art. 4º. Ficam Instituídos os TÍTULOS DE HONRA AO MÉRITO E A MEDALHA DE RONDON que serão distinguidas às personalidades e às entidades que contribuem para o desenvolvimento sócio-econômico-cultural do Estado e para a preservação dos valores cívicos, culturais, históricos e de tradição do povo mato-grossense.

Parágrafo único: Os títulos honoríficos de que trata este artigo, e a sua concessão, serão regulamentados pela **Comissão Rondon**.

Art. 5º. As despesas decorrentes desta Lei serão realizadas à conta de dotação orçamentária própria.

Art. 6º. Esta Lei entra em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Paiaguás, em Cuiabá, 04 de maio de 1.992.
171º. de Independência e 104º. da República.

JAYME VERÍSSIMO DE CAMPOS
OSCAR CESAR RIBEIRO TRAVASSOS
ANTÔNIO ALBERTO SCHOMMER
ANTÔNIO DALVO DE OLIVEIRA
ANTÔNIO EUGÊNIO BELLUCA
GILSON DUARTE DE BARROS
UMBERTO CAMILO RODOVALHO
ARÉSSIO JOSÉ PAQUER

JOSÉ FERNANDO DE QUEIRÓZ
CLEBER ROBERTO LEMES
OSVALDO ROBERTO SOBRINHO
FILINTO CORREA DA COSTA
ROBERTO TAMBELINI
PAULO MARIA FERREIRA LEITE
ANTÔNIO FRANCISCO MONTEIRO DA SILVA
EUCÁRIO ANTUNES QUEIRÓZ
LUIZ VIDAL DA FONSECA
DOMINGOS MONTEIRO DA SILVA NETO

MERIDIANO 52° DENOMINADO RONDON

Rondon e Greenwich, são os únicos homens que deram nome a um meridiano no Planeta.

Chama-se "**Rondon**" o meridiano que atinge nove estados brasileiros, a saber: Amapá, Pará, Mato Grosso, Goiás, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina, e Rio Grande do Sul.

2.293 MUNICÍPIOS PRESTAM HOMENAGEM A RONDON

A sociedade dos **Amigos do Marechal Rondon**, oficiou a todos os municípios brasileiros, para que fosse prestado homenagem ao **Marechal Rondon**, denominando uma Praça, Avenida ou Rua com seu nome e 2.293 municípios já atenderam a solicitação da sociedade dos **Amigos do Marechal Rondon**.

RONDON - O PACIFICADOR

O braço direito puxado para trás retesava o arco, a flecha tomava posição de partida. O inimigo caminhando pela trilha da floresta não sabia o que o aguardava: a flecha estava pronta para matar.

Os homens escondidos pelo mato denso eram em geral altos e musculosos. A pele, que nos seus ancestrais remotos fora amarela, era agora escura, quase parda, como resultado de adaptação da raça as condições do clima tropical. Mas, no formato do crânio e nos olhos oblíquos como amêndoas, mantinham ainda características que revelaram sua origem: Ásia longínqua.

O barulho de alguns pássaros assustados e o ruído da vegetação impuseram aos homens de atalaia um silêncio absoluto: o inimigo se aproximava. Mais alguns momentos e ei-lo à vista aparecendo por entre o denso da mata.

As flechas cortaram o ar. Os gritos. A fuga. Os índios, com os olhos cheios de ódio e medo, continuaram a disparar flechas. Estavam a frente de seus inimigos mortais:

os homens brancos. Estavam cansados de ser roubados e mortos, seus costumes desrespeitados, suas terras invadidas. Então, com medo e ódio, matavam.

Mas desta vez o grupo adversário não revidava. Seus homens, brancos e índios, que sofreram a emboscada, retrocediam, voltando para onde vieram. Voltavam em ordem, agrupados, procurando proteger-se. Tinham armas, mas não procuravam utilizá-las para matar. Ativaram a esmo, para cima, ganhado tempo.

Os índios saudaram a vitória, vendo o adversário em fuga. E não haviam perdido nenhum guerreiro, os inimigos os pouparam. E mais: chegando aos lugares onde o branco se retirava encontraram machados e outros objetos. Eram presentes.

Os índios venciam, a expedição se retirava. Mas voltaria enviando emissários, procurando contato pacíficos. E não se consideravam derrotados, e sim vencedores também, pois não haviam matado. Seu chefe, **RONDON**, tinha um lema:

- Morrer, se preciso for; matar, nunca !

Era um brasileiro da Silva. Seu nome: **CÂNDIDO MARIANO DA SILVA**, que mais tarde acrescentaria o sobrenome **RONDON**.

Em suas veias corria o sangue índio de duas bisavós maternas. No dia 5 de maio de 1.865 nascia em Mimioso, outrora distrito de Santo Antônio do Rio Abaixo, hoje município de Santo Antônio do Leverger.

Aos 16 anos, **Cândido Mariano da Silva Rondon** iniciou a sua carreira militar, com simples praça, e aos 90 o Congresso Nacional colocou sobre seus ombros cansados as platinas de **MARECHAL DE EXÉRCITO**.

Em 1.883 inicia seu curso de preparatórios, e, simultaneamente, cursa o primeiro ano e requer os exames vagos de segundo e terceiro, a fim de abreviar o tempo de espera. Os colegas ficaram boquiabertos:

- Bicho peludo! Você pensa que vai conseguir vencer com a matemática de Cuiabá? Vai levar bomba na certa!

- É possível, mas não custa tentar. E, com a matemática de Cuiabá, tirou "distinção" no primeiro ano e "plenamente" no segundo e no terceiro. Em 1.884, pois estava habilitado a fazer o curso superior.

Uma vida nova começava para **Cândido Mariano da Silva Rondon**.

A 6 de março de 1.890, findo o estágio, Rondon partiu do Rio para Cuiabá, e aqui quando chegou em abril, **Rondon** foi graduado ao posto de capitão - engenheiro. Gomes Carneiro, chefe da Comissão da linha telegráfica, subdividiu seu contingente em três turmas: da vanguarda (localização da estrada), do centro (abertura de picadas e colocações de poste e da linha telegráfica) e da retaguarda (levantamento topográfico e determinação da estrada a ser construída). **Rondon** chefia a última com vinte soldados. E as turmas começaram a trabalhar.

A primeira etapa seria de São Bento a Capim Branco, hoje Cel. Ponce, 48km, região habitada, ainda que escassamente. A partir de Capim Branco, 600km. de estrada

do tempo dos bandeirantes, atravessando um sertão desconhecido, na sua maior parte habitado por tribos bororos, algumas pacificadas, outras ferocíssimas, por só conhecerem, dois brancos, a crueldade e a exploração.

- Aregodo aúgai curimata - disse **Rondon** ao cacique Oarine Ecureu, da aldeia Kejarê, do grupo bororo de São Lourenço.

- Adeus partiremos mais voltaremos.

De São Lourenço, onde fora festejado pelos índios, **Rondon** partiu em direção às fronteiras, com muita dificuldade. O impaludismo, o beriberi, dezessete deserções numerosos casos fatais de maleita, os oitenta praças no início reduzidos a trinta. **Rondon** apela para os bororo. O Pajé Bari oferece-lhe 120 índios - homens e mulheres e crianças - encarregados da limpeza das picadas, da remoção de troncos etc. Oarine Ecureu traz-lhe tudo o que possui: papagaios, coatis, arara, todos os animais domésticos. Os índios trabalhavam e eram dirigidos por seus próprios chefes, que recebiam instruções de **Rondon**. Sem o menor incidente, os índios trabalharam para a comissão durante um ano. A 17 de maio de 1.901, quando foi atingida a região de Coxim, o cacique Oarine Ecureu despediu-se:

- Aqui fico. Em terra de caiamo bororo não entra, terra de terena, guaicurú, uachiri.

Em 1.906, o Presidente Afonso Pena encarregou **Rondon** de ligar Cuiabá ao território do Acre, recentemente incorporado ao país, fechando o circuito telegráfico nacional: 2.500 léguas de sertões desertos do noroeste de Mato Grosso e 300 léguas de floresta amazônica.

Um dos fatos mais importantes da expedição foi a descoberta do Rio Juruena (que alguns chegavam a duvidar que existisse) em 1.907.

No caminho percorrido até lá, **Rondon** já havia feito boas relações com os índios parecis, que habitavam a região. A 10 de outubro atingiam o fim do território dos parecis para penetrar no domínio dos índios nhambiquaras, tidos com ferocíssimos e antropófagos.

As primeiras choças foram encontradas em abandono. No espigão do Juruena deu-se o encontro com o primeiro nhambiquara: um índio completamente nú, que colhia mel. Não houve aproximação. Os expedicionários ficaram de longe até que o índio se foi, sem dar sinal de surpresa. Desde alguns dias a missão vinha sendo vigiada por indígenas, ocultos na mata.

Dia 20 de outubro, do alto de uma sucupira gigante, **Rondon** avistou o Juruena, cuja situação era bem diferente daquela que figurava nos mapas. O misterioso rio era descoberto após 48 dias de peregrinação pela floresta.

Preparando-se para visitar a aldeia nhambiquara mais próxima, **Rondon** e mais quatro companheiros embrenharam-se pela floresta. Haviam marchado 1 km quando **Rondon** sente passar um sopro pelo rosto: uma flecha caiu no chão, pouco além. Antes mesmo que pudesse pegar na arma tiracolo uma segunda seta roçou-lhe o

capacete, rente a nuca. Um tiro para o ar, e outra flecha que iria direto para o peito de Rondon, não fosse a bandoleira da carabina, na qual ficou engastada.

Apesar de não ter deixado vítimas, o ataque nhambiquara agitou os componentes da expedição, que queriam atacar os índios. **Rondon** opôs-se:

- Se alguém penetrasse em casa de um de vocês para assassinar e roubar, que fariam?
- Mata-lo-íamos, sem dúvida alguma!
- E como querem vocês que os índios procedam de outro modo?

Conseguiu esfriar os ânimos. Conseguiu ainda mais: que deixasse um jirau alto, onde foram depositados presentes, insistindo com soldados para que colocassem nele, tudo aquilo que pudessem dispor. Estava cumprida a primeira parte da missão, com a descoberta do rio Juruena.

Rondon venciu um duplo desafio. A penetração num território desconhecido e pacificação dos nhambiquaras.

Em 1.913, já coronel e há três anos chefiando o Serviço de Proteção aos Índios, Rondon é designado para acompanhar a expedição que o antigo presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, pretendia fazer pelo sertão brasileiro acompanhado de seu filho Kermit, de secretários e cientistas. A viagem, organizada pelo governo brasileiro, tinha um objetivo de obter o material para o Museu de História Natural de Nova York, e os brasileiros que fizessem parte da expedição aproveitariam para fixar com maior precisão certos detalhes geográficos.

A expedição terminou em 1.914, cheia de peripécias, alguns perigos e muitas dificuldades. As vezes, **Rondon** teve que usar sua autoridade de representante do governo brasileiro impedir que membros americanos da expedição contrariassem às normas que o indianista impunha nos tratos com índios. Foram obtidos bons resultados e êxitos para o conhecimento científico da região principalmente com a coleção numerosos exemplares da fauna brasileira, além do traçado definitivo do antigo rio da Dúvida, rebatizado rio Roosevelt.

Muitas vezes contrariados em suas pretensões, Roosevelt, no final, reconheceu em **Rondon** um amigo de qualidades excepcionais. Mais tarde diria:

- Conheci em minha vida dois grandes coronéis: o que resolveu o problema do canal da Panamá e **Rondon**.

Em 1.919, já general-de-brigada, é nomeado diretor de engenharia de Exército: manda construir quartéis, envolve-se em questões militares e políticas.

Sempre instado pelos governos a aceitar missões espinhosas, **Rondon** inspeciona obras contra seca fiscaliza fronteiras, participa de entendimentos para resolução de problemas entre Peru e Colômbia, e, sempre, continua dedicar-se aos índios. Em 1.952 vê aprovado seu projeto de criação do Parque Nacional do Xingu, destina a preservar uma amostra da natureza brasileira. Em 1.955 torna-se marechal, e ao antigo território do Guaporé é dado o nome de Rondônia.

Morreu em 19 de janeiro de 1.958, com 93 anos de idade.

ROOSEVELT = RONDON
“ A EXPEDIÇÃO ”
Um vídeo de CACÁ DE SOUZA

O documentário “ROOSEVELT = RONDON = A EXPEDIÇÃO”, foi lançado no dia 01 de dezembro de 1.998 no Teatro de Universidade Federal de Mato Grosso.

Na ocasião estavam presente à cerimônia do lançamento, 3 netos do **Marechal Rondon** que representavam a família, eram eles: Maria Inês e Cecília Amarante Rondon alem do Dr. Pedro Henrique Rondon.

Dos Estados Unidos vieram Tweed Roosevelt (bisneto do ex-presidente americano Theodore Roosevelt) e presidente do Roosevelt Foundation e Fred Emmert diretor do Rondon Roosevelt Center da cidade de Washington.

SOCIEDADE DOS AMIGOS DO MARECHAL RONDON

A Sociedade dos Amigos do Marechal Rondon, fundada em 5 de maio de 1.969, reconhecida de utilidade Pública pela Lei nº. 3.706, de 24 de maio de 1976, foi fundada por um grupo de pessoas de Cuiabá, com a finalidade de cultuar e divulgar a obra Meritória do **Marechal Rondon**; O Presidente é Ramis Bucair, que por 30 anos exerce a presidência.

A Sociedade dos Amigos do Marechal Rondon é a única no Brasil que se reúne todos os anos no dia 05 de maio, para comemorar o natalício do saudoso Marechal Desbravador - Guerreiro da Paz - Pioneiro do Século e Paguimegêra Curirêu.

SÓCIOS FUNDADORES:

Ramis Bucair

Rubens da Mendonça

Agenor Ferreira Leão

Benedito Santana da Silva Freire

Alcedino Pedroso da Silva

Nazi Bucair

Emanuel Ribeiro Daubian

Vera Randazzo

Ronaldo de Arruda Castro

Joazir Bucair e outros.